

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 5

**Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)**

A stack of several open books with white pages and various colored covers (red, blue, green) is visible at the bottom of the cover. The background behind the books is a light blue gradient with faint mathematical symbols like pi, infinity, and sigma.

Atena
Editora
Ano 2019

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 5

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 Produção científica e experiências exitosas na educação brasileira 5
[recurso eletrônico] / Organizadores Keyla Christina Almeida
Portela, Alexandre José Schumacher. – Ponta Grossa, PR: Atena
Editora, 2019. – (Produção Científica e Experiências Exitosas na
Educação Brasileira; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-555-6

DOI 10.22533/at.ed.556192008

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação –
Brasil. I. Portela, Keyla Christina Almeida. II. Schumacher, Alexandre
José. III. Série.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Os e-books intitulados “**Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira**” apresentam 6 volumes baseados em trabalhos e pesquisas multidisciplinares de diversos estudiosos da educação. A produção científica corrobora para o conhecimento produzido e difundido, além de fazer um papel de diálogo entre os pesquisadores e o meio científico.

Estas pesquisas têm como base os estudos multidisciplinares, que apresentam desafios em seu mapeamento, pois envolvem pesquisadores com distintas áreas de atuação. Diante desse cenário, a Atena Editora aglutinou em seis volumes uma grande diversidade acadêmico científica com vistas a uma maior contribuição multidisciplinar.

No primeiro volume encontramos trabalhos relacionados as vivências, práticas pedagógicas, desafios profissionais, formação continuada, bem como propostas de novas técnicas diante do cotidiano dos pesquisadores.

No segundo volume nos deparamos com estudos realizados no âmbito da educação especial, bullying, educação inclusiva e direitos humanos, bem como com políticas educacionais. Neste capítulo, buscou-se apresentar pesquisas que demonstrem aos leitores as experiências e estudos que os pesquisadores desenvolveram sobre os direitos e experiências educacionais.

No terceiro volume temos como temas: as tecnologias e mídias digitais, recursos audiovisuais, formação de jovens e adultos, currículo escolar, avaliação da educação, mudança epistemológica e o pensamento complexo. Neste volume, é perceptível o envolvimento dos pesquisadores em mostrar as diferenças de se ensinar por meio da tecnologia, e, também, com visão não reducionista, ou seja, o ensinar recorrendo a uma rede de ações, interações e incertezas enfrentando a diversidade humana e cultural.

No quarto volume, encontra-se diferentes perspectivas e problematização em relação as políticas públicas, projetos educativos, projetos de investigação, o repensar da prática docente e o processo de ensino aprendizagem. Os artigos aqui reunidos exploram questões sobre a educação básica abordando elementos da formação na contemporaneidade.

No quinto volume, apresenta-se pesquisas baseadas em reflexões, métodos específicos, conceitos e novas técnicas educacionais visando demonstrar aos leitores contribuições para a formação dos professores e as rupturas paradigmáticas resultante das experiências dos autores.

Para finalizar, o sexto volume, traz relatos de experiências e análises de grupos específicos visando demonstrar aos leitores vários estudos realizados em diversas áreas do conhecimento, sendo que cada um representa as experiências dos autores diante de contextos cotidianos das práticas educacionais sob diferentes prospecções.

À todos os pesquisadores participantes, fica nossos agradecimentos pela

contribuição dos novos conhecimentos. E esperamos que estes e-books sirvam de leitura para promover novos questionamentos no núcleo central das organizações educacionais em prol de uma educação de qualidade.

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID NA DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS NO MUNICÍPIO DE MUTUÍPE-BA	
Wanderson Amorim dos Santos	
Arlene Andrade Malta	
Evonete Santos do Espírito Santo	
Jailson de Jesus Santos	
Arlei Evangelista Santos	
Maria da Conceição Pinheiro de Santana	
Rafael da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5561920081	
CAPÍTULO 2	10
À EDUCAÇÃO FAMILIAR E O FEMINISMO ISLÂMICO COMO INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO CULTURAL E SOCIAL	
Lucas Batista Carriconde	
Nathalia Rafaela Paes e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5561920082	
CAPÍTULO 3	23
O MODELO DE EDUCAÇÃO FEMININA DO FILOSOFO LUÍS ANTÓNIO VERNEY NO SÉCULO XVIII	
Dyeinne Cristina Tomé	
DOI 10.22533/at.ed.5561920083	
CAPÍTULO 4	35
MÉTODO BAMBU NO ENSINO SUPERIOR: DESENVOLVENDO POTENCIALIDADES NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE	
Mariana Boulitreau Siqueira Campos Barros	
Leidiane Francis de Araújo Costa	
Débora Morgana Soares Oliveira do Ó	
Reginaldo Luís da Rocha Júnior	
Suelayni de Azevedo Albuquerque	
Sílvia Elizabeth Gomes de Medeiros	
Soraia Lins de Arruda Costa	
Laís Helena de Souza Soares Lima	
Laryssa Grazielle Feitosa Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.5561920084	
CAPÍTULO 5	45
METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM: GESTÃO DE PROJETOS EM GERONTOLOGIA	
Maria Luisa Trindade Bestetti	
Tássia Monique Chiarelli	
DOI 10.22533/at.ed.5561920085	

CAPÍTULO 6	57
MODELAGEM DE FILTRO DE MICROFITA COM GEOMETRIAS DIVERSAS E DEFORMAÇÕES NO PLANO TERRA COM O PROGRAMA DE SIMULAÇÕES DE ONDA COMPLETA	
Ana Paula Bezerra dos Santos Pedro Carlos de Assis Júnior Elder Eldervitch Carneiro de Oliveira Rodrigo César Fonseca da Silva Marcelo da Silva Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.5561920086	
CAPÍTULO 7	66
O CONCEITO DE IDENTIDADE DOCENTE NAS PESQUISAS SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Edlauva Oliveira dos Santos Leila Márcia Ghedin Evandro Ghedin	
DOI 10.22533/at.ed.5561920087	
CAPÍTULO 8	78
O USO DO MULTIPLANO COMO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE POLÍGONOS A ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS	
Ana Kely de Albuquerque Sousa e Souza Abigail Fregni Lins Patrícia Sandalo Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.5561920088	
CAPÍTULO 9	87
O USO DOS JOGOS DO TEATRO DO OPRIMIDO COMO DISPOSITIVO DE MEDIAÇÃO SIMBÓLICA COM UM GRUPO DE PROFESSORAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BRASÍLIA	
Simone Lisniowski Sandra Francesca Conte de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.5561920089	
CAPÍTULO 10	98
OS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE E A CIDADANIA PLANETÁRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM FORMAÇÃO	
José Auricélio Bernardo Cândido Geanne Maria Costa Torres Inês Dolores Teles Figueiredo Maria Rosilene Cândido Moreira Slayton Frota Sá Nogueira Neves Francisco José Maia Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.55619200810	
CAPÍTULO 11	109
OS IMPACTOS DA IMPLEMENTAÇÃO DE BUSINESS INTELLIGENCE NA GESTÃO DO DESEMPENHO ACADÊMICO: ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO LOYOLA, EM BELO HORIZONTE (MG)	
Guilherme Rodrigues Pereira Frederico César Mafra Pereira Jorge Tadeu Ramos Neves	
DOI 10.22533/at.ed.55619200811	

CAPÍTULO 12	125
A CONTRIBUIÇÃO DOS TÉCNICOS EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS DO INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ NAS ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	
Jacqueline Maria Duarte Lewandowski	
DOI 10.22533/at.ed.55619200812	
CAPÍTULO 13	135
PANORAMA DAS PUBLICAÇÕES BRASILEIRAS SOBRE PARADIDÁTICOS NO ENSINO DE QUÍMICA	
Karina Sasso Fernandes Irene Cristina de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.55619200813	
CAPÍTULO 14	149
PERFIL DOS ESTUDANTES DE AGRONOMIA NA REGIÃO DO ALTO URUGUAI	
Edson Luiz Tonello Junior Izabele Brandão Krueel	
DOI 10.22533/at.ed.55619200814	
CAPÍTULO 15	160
PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA: O QUE PENSAM OS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS?	
Janes Santos Herdy	
DOI 10.22533/at.ed.55619200815	
CAPÍTULO 16	173
REFLEXÕES ACERCA DO FENÔMENO DA TRANSGERACIONALIDADE PSÍQUICA E DA INTERDIÇÃO DE “FALAR SOBRE” COMO OBSTÁCULOS AO APRENDER PELA EXPERIÊNCIA	
Jackeline Jardim Mendonça Vera Lúcia Blum Andréia de Fátima de Souza Dembiski Daniely Cristina Santos Souza André Elias Cruz Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.55619200816	
CAPÍTULO 17	185
REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO TRANSFERENCIAL E A PRODUÇÃO DE DADOS NO CAMPO DA PESQUISA COM O MÉTODO PSICANALÍTICO	
Renata Garutti Rossafa Vera Lúcia Blum André Elias Cruz Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.55619200817	
CAPÍTULO 18	197
REFLEXÕES DA VIVÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA MODALIDADE EDUCACIONAL EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS)	
Mateus Santos Neves Heloisa de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.55619200818	

CAPÍTULO 19	202
REFLEXÕES SOBRE A PEDAGOGIA EMPREENDEDORA A PARTIR DAS TRANSFORMAÇÕES DOS PARADIGMAS DA ESCOLA TECNICISTA	
<p>Claudenev Licínio Oliveira Antônio José Müller Marcos Antonio Fari Junior</p>	
DOI 10.22533/at.ed.55619200819	
CAPÍTULO 20	218
REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DOCENTES E O SUJEITO DISCENTE NO ENSINO SUPERIOR: CONTRIBUIÇÕES DA ANDRAGOGIA	
<p>Alcylanna Nunes Teixeira Antoniél dos Santos Gomes Filho Tamyris Madeira de Brito Jardel Pereira da Silva Thaís Lucena Grangeiro Zuleide Fernandes de Queiroz</p>	
DOI 10.22533/at.ed.55619200820	
CAPÍTULO 21	230
REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÕES CONTINUADAS EM MATEMÁTICA PARA PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<p>Malcus Cassiano Kuhn</p>	
DOI 10.22533/at.ed.55619200821	
CAPÍTULO 22	245
RELAÇÕES FAMILIARES NA CONTEMPORANEIDADE E CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE	
<p>Luciana Rios da Silva Elaine Pedreira Rabinovich Ivonete Barreto de Amorim</p>	
DOI 10.22533/at.ed.55619200822	
CAPÍTULO 23	254
REPENSANDO A PRÓPRIA VIDA: AS NARRATIVAS DOS IDOSOS EM UM GRUPO DE CONVIVÊNCIA	
<p>Laudicéia Noronha Xavier Annatália Meneses de Amorim Gomes Cleide Carneiro</p>	
DOI 10.22533/at.ed.55619200823	
CAPÍTULO 24	265
REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE SÓLIDOS GEOMÉTRICOS EM VÍDEO: RESULTADOS PARCIAIS	
<p>Lucilene Dal Medico Baerle Alan Vicente Oliveira Carlos Daniel Ofugi Rodrigues Carlos Roberto da Silva Cintia Fernandes Da Silva Flávia Caraíba de Castro</p>	
DOI 10.22533/at.ed.55619200824	

CAPÍTULO 25	276
SIMULADORES DE QUÍMICA DISPONÍVEIS NO PhET COLORADO: UM ESTUDO DE CASO PARA O CONTEÚDO DENSIDADE DE MASSA	
Lílian Amancio de Pinho Gomes Edilson Leite da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55619200825	
CAPÍTULO 26	289
SÍNTESE E BIOENSAIO IN VITRO DE UM CANDIDATO À FÁRMACO	
Herbert Igor Rodrigues de Medeiros Bruna Barbosa Maia da Silva Cosme Silva Santos Romário Jonas de Oliveira Juliano Carlo Rufino de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.55619200826	
CAPÍTULO 27	297
TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO: SABERES E PRÁTICAS NO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NO IFPA- CAMPUS RURAL DE MARABÁ	
Maria Suely Ferreira Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.55619200827	
CAPÍTULO 28	307
TRILHA URBANA PARA DESENVOLVIMENTO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL	
Lucélia de Almeida Santos Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.55619200828	
CAPÍTULO 29	321
UM CAMINHO ALTERNATIVO PARA A FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES: OFICINAS DE MEDIAÇÕES DIGITAIS PELO LALUPE/UEPG	
Elenice Parise Foltran Dierone César Foltran Junior Reinaldo Afonso Mayer	
DOI 10.22533/at.ed.55619200829	
CAPÍTULO 30	331
UM OLHAR PARA A TRANSDISCIPLINARIDADE EM PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS DE ALGUMAS ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL	
Rosamália Otoni Pimenta Campos Vania Roseli de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.55619200830	
CAPÍTULO 31	343
UMA ANÁLISE DAS REFORMAS ATUAIS NO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO: AMEAÇAS E RETROCESSOS	
Edna Sousa de Almeida Miranda Sandra Valéria Limonta Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.55619200831	

CAPÍTULO 32	355
UMA REVISÃO ACERCA DO (NÃO) EMPREGO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EXPERIENCIAL AO AR LIVRE NO BRASIL	
Erich de Freitas Mariano	
Kelvy Fellipe Gomes de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.55619200832	
SOBRE OS ORGANIZADORES	368
ÍNDICE REMISSIVO	369

REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO TRANSFERENCIAL E A PRODUÇÃO DE DADOS NO CAMPO DA PESQUISA COM O MÉTODO PSICANALÍTICO

Renata Garutti Rossafa

Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Bolsista da FAPEMAT (Abr. 2017 - Fev. 2019).

Cuiabá – Mato Grosso

Vera Lúcia Blum

Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Cuiabá – Mato Grosso

André Elias Cruz Antunes

Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Cuiabá – Mato Grosso

RESUMO: Este artigo apresenta algumas reflexões acerca do método psicanalítico na pesquisa acadêmica e traz algumas elaborações resultantes da pesquisa “Ser mulher: a clínica psicanalítica a favor da escuta e produção de sentido”. Enquanto pesquisa com o método psicanalítico, é dado destaque aos percalços e os impensados no campo da pesquisa como fontes valiosas para a construção de dados, bem como à relação transferencial estabelecida em campo entre a pesquisadora e as participantes da pesquisa atendendo a solicitação ativa de um repertório psíquico comum a todas: o superego. Este estudo integra as produções do Grupo de Pesquisa em Psicologia Clínica e Instituições - Psicanálise e exigências

clínicas contemporâneas: estudos teóricos, clínicos e metodológicos, da linha de pesquisa “Processos clínicos e contextos socioculturais” do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso.

PALAVRAS-CHAVE: Método Psicanalítico de Pesquisa. Processos clínicos. Contextos socioculturais. Transferência-constratransferência.

REFLECTIONS ON THE TRANSFERENTIAL PROCESS AND THE PRODUCTION OF DATA IN THE RESEARCH FIELD WITH THE PSYCHOANALYTIC METHOD

ABSTRACT: This article presents reflections about the psychoanalytical method in academic research and brings some elaborations resulting from the research “Being a woman: the psychoanalytic clinic in favour of listening and production of meaning”. While research with the psychoanalytical method, we highlight the mishaps and the unthinking in the field of research as valuable sources for the data construction, as well as the transferential relationship established in the field between the researcher and the research’s participants attending the active request of a common psychic repertoire: the superego. This study integrates the productions of the Research Group on Clinical Psychology

and Institutions - Psychoanalysis and contemporary clinical requirements: theoretical, clinical and methodological studies, from the research line “Clinical Processes and Sociocultural Contexts” of the Postgraduate Program in Psychology of the Federal University of Mato Grosso.

KEYWORDS: Psychoanalytical method of research. Clinical processes. Sociocultural contexts. Transference-countertransference.

1 | INTRODUÇÃO

Não são poucos os pesquisadores que se ocuparam com a elucidação do método psicanalítico de investigação de uma realidade psíquica singular integrada às suas dimensões culturais e sociais nas diversas esferas das experiências humanas. A proliferação de artigos sobre o seu valor epistemológico, com suas características diferenciais em relação aos procedimentos positivistas de produção de conhecimento, dá notícia das dificuldades que rondam o pesquisador psicanalista para encontrar uma resposta *prêt-à-porter* quando interrogado sobre aquilo que ele faz e designa como pesquisa com o método psicanalítico. Ao descrever a metodologia em ato, Teixeira (2011) sustenta que “a psicanálise não dispõe, para abordar a singularidade subjetiva, de um dispositivo metodológico preparado de antemão, como um conjunto de regras previamente codificadas acerca do seu procedimento clínico” (p. 2). Figueiredo e Minerbo (2006) tocam na ferida epistemológica que parece não cicatrizar quando assumem a especificidade da pesquisa com o método psicanalítico. A ferida que não cicatriza diz respeito à relação transferencial-contratransferencial, como a condição necessária do campo de onde provêm os “dados” e as descobertas da pesquisa psicanalítica que, por sua natureza onto-epistemológica, são impossíveis de serem replicados por pesquisadores independentes. Essa relação reside na “entrega” do pesquisador ao seu objeto, “o deixar-se fazer por ele e, em contrapartida, construí-lo à medida que avançam suas elaborações e descobertas”. Interrogam-se os autores: “será que a noção de “método” é a que mais se afina com a mútua constituição e transformações do objeto, sujeito e meios e com a primordial “entrega não mediada ao objeto”, sem a qual não se exerce a psicanálise?” (p. 263). O que aparece de novo nessa perspectiva é a admissão do lugar implicado de quem pesquisa e que exige a proeza de transformar o que de outro modo seria uma mera afetação identificatória ao objeto, de cunho privado, em uma experiência comunicável e partilhável pela linguagem. O lugar do pesquisador passa a ser privilegiado, uma vez que é no processo transferencial-contratransferencial que as singularidades do objeto estudado, não acessíveis de outra forma, podem vir a se mostrar.

Com a criação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Psicologia Clínica e Instituições – Psicanálise e Exigências Clínicas Contemporâneas: estudos teóricos, clínicos e metodológicos vêm se ocupando com a elucidação do *modus operandi* disso

que se designa como método psicanalítico de pesquisa. Além de por em evidência a “lógica inaparente” (Figueiredo, 2014, p. 50) do campo experiencial humano que pretende estudar, as investigações buscam detalhar os recursos cognitivos e afetivos mobilizados na construção de um pensamento clínico psicanalítico. O grupo de pesquisa se distancia do método de investigação largamente aceito que pressupõe serem os dados fatos à espera da descoberta e/ou demonstração de suas correlações e regularidades. Por causa desse afastamento o grupo se vê diante da tarefa de deslindar no *a posteriori* as vias de pensamento percorridas na produção dos dados – os achados/criados – da pesquisa. No *a posteriori*, pois, como afirma Teixeira (2011), não se sabe de antemão as vias a serem percorridas, senão em ato, trata-se de um saber que se sabe no movimento em que este se realiza.

O presente estudo propõe um recorte da pesquisa de mestrado “Ser mulher: a clínica psicanalítica a favor da escuta e produção de sentidos”, a fim de encetar uma reflexão acerca do pensamento clínico envolvido na produção de conhecimento no campo das experiências subjetivas, em particular, da experiência do ser e sofrer para um grupo específico de mulheres. Mulheres comuns que, como qualquer ser humano, estão enredadas no imaginário social-histórico (CASTORIADIS, 1995) de onde provêm as significações imaginárias sociais, as matrizes simbólicas, que as engendram como sujeitos psíquicos.

Pensamento clínico é uma noção desenvolvida por André Green (2005) que incide no estudo de caso como procedimento da pesquisa psicanalítica. Para Green não há apenas uma teoria da clínica em psicanálise, mas “um modo original e específico de racionalidade originado da experiência prática” (GREEN, 2005, p. 9). Trata-se de um modo de exposição da experiência clínica sem, no entanto, apresentar fragmentos de material dos pacientes, mas que suscita no leitor ou ouvinte psicanalista associações e remissões aos seus próprios pacientes “que sem dúvida repercutirão sobre sua escuta e sobre sua prática” (MEZAN, 1993, p. 85). Assim, a eficácia do pensamento clínico resultante da investigação de um pesquisador é seu poder de ampliar as perspectivas de interpretação. Por razões que não vêm ao caso expor aqui, pois nos afastaria do escopo deste trabalho, limitemo-nos a afirmar que a transposição pura e simples do procedimento de interpretação psicanalítica na situação analisante para os fenômenos mais amplos da cultura é inadmissível. Todavia, vários aspectos de seu procedimento interpretativo são mantidos na investigação dos mais variados objetos do campo das experiências humanas de produção e fruição estéticas e dos diversos processos e fenômenos socioculturais, nos quais as subjetividades se enredam ao neles se engendrar.

Por que o pensamento clínico psicanalítico como recurso para a investigação? Por que não outro procedimento? A Psicanálise talvez seja ela mesma um grande movimento de autonomia epistemológica, pelo seu caráter questionador, interpretativo e irreduzível, seja a uma ontologia realista (o objeto de que se fala é mera exterioridade objetiva), seja a uma ontologia construtivista (o objeto de que se fala é mera criação

subjetiva). Nossa posição sustenta a ideia de que o pensamento clínico acessa o ainda não representável do que se apresenta no campo das experiências humanas. Ele elabora em termos comunicáveis o algo X que se mostra, mas ainda não se dá como representação. Na feliz expressão de Radmila Zygouris (2011, p.29), “os pensamentos clínicos são as experiências de pensamento, cujo laboratório é a sessão” a “enfrentar e nomear aquilo que nunca o foi anteriormente”. Ora, o pensamento clínico como um modo específico de racionalidade (Green, 2005) pode ser exercitado no campo social ou institucional com o objetivo de por em evidência aspectos da experiência subjetiva consciente e inconsciente, pertencentes à esfera dos sentidos e significados da experiência humana no desenrolar das diversas práticas sociais. Esses sentidos inconscientes, na pesquisa psicanalítica, são da natureza do achado/criado, porque os efeitos de sentido da enunciação se constituem na transferência (lugar dos achados), ocasião em que o sentido inconsciente se faz na relação entre os interlocutores (paciente-analista; objeto (outro sujeito falante) – pesquisador), e está condicionado por uma escuta informada, seja pela teoria psicanalítica, seja pela questão da pesquisa (lugar do criado). Com efeito, o método psicanalítico é um procedimento de produção de sentido na transferência, lugar em que a fala do outro evoca e convoca sentidos na escuta do pesquisador, e por isso não pode almejar a generalização de seus achados-criados. Não está em pauta saber se os sentidos criados com as ferramentas conceituais da psicanálise correspondem à verdade, e sim a sua eficácia para a compreensão do fenômeno ou aspectos do fenômeno investigado.

2 | O PROCESSO TRANSFERENCIAL NA CONSTRUÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA

Freud (1910/2006, p. 27) já descrevia o método psicanalítico como um “processo semiológico e terapêutico”. Podemos entender semiológico como aquele que pertence à semiologia, ou seja, o estudo das significações que podem ser atribuídas aos fatos da vida social concebidos como sistemas de significação: imagens, gestos, rituais, sistemas de parentesco, mitos etc. (HOUAISS, 2009).

Os pesquisadores contemporâneos Figueiredo e Minerbo (2006) têm apresentado em suas obras elucidções valiosas acerca da natureza da pesquisa com o método psicanalítico. Uma das características mais relevantes, senão a principal, a que os autores se reportam é quanto à atitude do sujeito que pesquisa diante do objeto que se propõe estudar. Os autores consideram que pesquisas dessa natureza convocam o sujeito “a lançar alguma luz sobre fenômenos e processos da cultura” (2006, p. 259), implicando-o não apenas intelectualmente, mas pessoalmente e afetivamente com o processo.

A relação sujeito e objeto em uma pesquisa, tal como concebida nas ciências

naturais e nas ciências sociais ou humanas implica um sujeito ativo debruçado metodicamente sobre seu objeto, munido de conceitos, instrumentos e técnicas de descoberta e de verificação — ou refutação — de suas hipóteses. Não é bem assim nas relações entre o psicanalista, suas “teorias” e seus “objetos”. A entrega do “pesquisador” ao “objeto”, o deixar-se fazer por ele e, em contrapartida, construí-lo à medida que avançam suas elaborações e descobertas faz desta “pesquisa” um momento na história de uma relação que não deixa nenhum dos termos tal como era, antes de a própria pesquisa ser iniciada. Isso é mais óbvio em uma situação “terapêutica”, mas a atitude clínica pode se manifestar em outras condições e sempre terá como efeito a transformação das partes em jogo, o “objeto” e o “sujeito” da pesquisa [...] (FIGUEIREDO e MINERBO, 2006, p. 259-260).

Deixar-se transformar pelo objeto, conforme retratam os autores, é o que assinala a constituição do campo clínico necessário a uma pesquisa com método psicanalítico. A formação do campo clínico decorre da relação transferencial entre pesquisador e objeto de pesquisa. Mas, o que podemos entender por transferência? Freud (1905/2016) expõe: “São novas edições, reproduções dos impulsos e fantasias que são despertados e tornados conscientes à medida que a análise avança, com a substituição de uma pessoa anterior” (p. 312). No caso, “a pessoa anterior” diz respeito às referências que formam as bases da identificação com os objetos internos, ou seja, um objeto se torna “interno” à medida que ele é introjetado pelo processo de identificação primária, cujas bases compõem as matrizes simbólicas no indivíduo. Tais objetos internos podem ser “amados” e “odiados” pelo sujeito, em outras palavras, são objetos com os quais o sujeito se identifica e estabelece sua economia psíquica de prazer-desprazer (MINERBO, 2014). Essa identificação primária organiza as relações objetais do indivíduo, ela orienta a maneira como as relações com o mundo e as pessoas do mundo tendem a se estabelecer inconscientemente. As relações estabelecidas a partir desse tempo lógico invocam nos sujeitos um determinado repertório psíquico inconsciente, com o qual cada um irá ler uma determinada situação e a essa leitura responder.

Cada pessoa estabelece suas relações de transferência com o outro, da mesma forma que está sujeita às relações transferenciais do outro, processo conhecido por contranferência. A mobilização do repertório psíquico nas relações é uma via de mão dupla, sendo que algumas relações podem mobilizar repertórios prazerosos e outras de desprazer. Partindo desse pressuposto, toda relação com o outro, objeto externo a si, remete a um objeto interno que, segundo Minerbo (2012), é o retrato um modo infantil de pensar, que remete às próprias bases do psiquismo, fonte das identificações prévias com o objeto externo.

Para o pesquisador, dois objetos distintos passam a integrar o campo de pesquisa com método psicanalítico, o objeto externo (objeto de pesquisa) e o objeto interno, que se comunica com o objeto de pesquisa pela via dos afetos. Figueiredo e Minerbo (2006) trazem contribuições valiosas sobre a questão da relação transferencial entre os objetos interno e externo:

Nas relações entre o texto e seus leitores, há transferência a partir dos dois lados: o

leitor atribui saber ao texto a que se dedica e o escritor atribui, antecipadamente, o poder de leitura e decifração aos leitores que, eventualmente, ainda nem existem, vindo a ser criados e inventados pelo próprio escritor através dos textos que oferece. [...] A *transferência sobre as palavras* é a condição precisa da análise psicanalítica deste material, mas a *transferência sobre o objeto* é o que abriu — na forma de uma contratransferência — o horizonte da interpretação (p. 261).

A relação transferencial a que os autores se referem pode auxiliar para ilustrar o que espera o pesquisador em seu campo de pesquisa. O sujeito que pesquisa diante de seu objeto irá estabelecer uma relação de transferência porque se identifica com ele. O objeto, por sua vez, na forma dos sujeitos participantes da pesquisa, colocará o pesquisador em um lugar subjetivo, na forma da contratransferência, que pode ser interpretada. Assim, interpretando e desvendando, desvendando e interpretado a pesquisa com método psicanalítico elabora seus dados. Com efeito, como captar o resultado da relação contratransferencial? Como “ler” o lugar subjetivo a que o objeto de pesquisa remete o pesquisador? A contratransferência é um fenômeno que apenas pode ser traduzido, ou interpretado, na medida em que o sujeito se percebe diante dela. É o inconsciente do sujeito que se conecta com o inconsciente do outro e, ao solicitar algo desse inconsciente, o coloca em um lugar subjetivo; trata-se de uma solicitação de ordem primária, que escapa às expectativas conscientes dos processos secundários. A ferramenta para tal tarefa interpretativa é a escuta clínica, a partir da qual interpretar e produzir sentidos se torna possível. É uma “escuta peculiar”, conforme relata Minerbo (2014, p. 44), sensível a si e aos elementos presentes na intersubjetividade, sendo, antes de tudo, uma escuta criativa, capaz de formar sentidos com os elementos periféricos, dissonantes que vão emergindo do campo de pesquisa.

A escuta clínica, dessa forma, é compreendida não como o simples ato de ouvir ou de ver o que surge no campo da pesquisa, mas, sobretudo, por uma postura que pressupõe a capacidade de indagar e captar as manifestações de ordem emocional, que escapam ao relato de uma experiência consciente. Ou seja, dizer de uma pesquisa com método psicanalítico significa dizer de uma escuta de fenômenos oriundos da relação transferencial dos conteúdos psíquicos do sujeito da pesquisa. É dizer também da relação contratransferencial, daquilo que toma de assalto o pesquisador sem nenhuma previsibilidade e mobiliza nele uma resposta equivalente dos conteúdos psíquicos. A escuta clínica, ou analítica, é fruto da atitude do pesquisador, sem a qual, contará com poucos elementos para interpretar o seu campo. Trata-se aqui de um processo distinto do campo mais tradicional das ciências naturais e sociais, que assumem o objeto como um ponto fixo no qual se ancoram métodos e procedimentos para um determinado fim, um processo em que se pode vislumbrar a chegada antes mesmo da saída.

Na pesquisa “Ser mulher: a clínica psicanalítica à favor da escuta e produção de sentidos”, qual foi o ponto de partida? Iniciamos com alguns questionamos acerca do sofrimento psíquico da mulher em relação às condições sociais e culturais de nosso

tempo e investimos na ideia da formação de um grupo de mulheres no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade Federal de Mato Grosso para escutarmos o quê de sofrimento pode haver em ser mulher na contemporaneidade.

Esse processo metodológico caracteristicamente artesanal nos levou a elaborar questões acerca do ser e sofrer mulher para além do que se estimava inicialmente. A partir do campo experiencial novas possibilidades de pensamento foram sendo promovidas, novas interpretações da teoria e o encontro com novos autores permitiram criar novos saberes acerca do sofrimento psíquico da mulher e as dinâmicas psíquicas que lhe são consubstanciais.

3 | A CONSTRUÇÃO DO CAMPO CLÍNICO PARA O ENCONTRO DO PESQUISADOR DAQUILO QUE ELE NÃO PROCURA

As formulações iniciais de uma pesquisa oferecem subsídios para adentrar o campo, porém, é aquilo que o pesquisador não planejadamente encontra que constitui o campo clínico de uma pesquisa com método psicanalítico. Tais encontros revelam-se como possibilidades de desdobramentos do objeto de pesquisa aparecendo aos olhos do pesquisador como possibilidade de novos saberes e insights a surpreendê-lo em seu campo.

Na pesquisa “Ser mulher: a clínica psicanalítica a favor da escuta e produção de sentido” a ideia inicial contemplava a formação de um grupo focal de mulheres, como um espaço de “apaziguamento simbolizante” (MINERBO, 2013, p. 34), onde o outro fosse “ao mesmo tempo, um aliado, um adversário, alguém em quem possamos nos apoiar e com quem possamos nos identificar” (KAËS, 2003, p. 14). O grupo servindo como um espaço transferencial e uma “rede de continência afetivo-simbolizante” (MINERBO, 2013, p. 34).

O objetivo de tal estratégia foi elaborado visando constituir um espaço para que as mulheres integrantes da pesquisa pudessem partilhar suas ideias e modos pelos quais são influenciadas pela cultura e a influenciam, com o foco na análise da relação transferencial entre as componentes do grupo. Em resumo, o grupo focal seria o dispositivo pelo qual a multiplicidade de discursos acerca do ser e sofrer mulher tivesse um lugar para se encontrar. Um lugar de confluência para a tessitura de uma rede discursiva. Para tanto, estimou-se um grupo composto entre 6 a 12 pessoas (GATTI, 2012, p. 22), com uma hora e meia de duração, realizado semanalmente. Duas pesquisadoras do grupo de pesquisa do nosso Programa de Pós-Graduação colaboraram na observação dos encontros do grupo. O local da pesquisa foi o Serviço de Psicologia Aplicada da UFMT e as participantes as pacientes mulheres, acima de 18 anos, que estavam vinculadas ao Serviço.

Estabelecido o ponto de partida, iniciou-se o labor em campo. O processo de contatar as pacientes e convidá-las para participar da pesquisa já assinalou

as primeiras peculiaridades. No total foram convidadas 83 pacientes, acima de 18 anos, das quais 17 mulheres manifestaram o interesse em participar e confirmaram a disponibilidade. Dessas, cinco estiveram efetivamente presentes nos encontros do grupo, sem estabelecerem uma regularidade e frequência, dando notícias de que a formação de um grupo talvez levasse mais tempo do que o contemplado por um programa de mestrado.

O primeiro encontro foi realizado no dia 14 de dezembro de 2017 e contou com a presença de duas mulheres. Nesse encontro foram apresentadas a pesquisadora, a pesquisa e a forma do Consentimento Livre e Esclarecido. O segundo encontro foi realizado em 01 de fevereiro de 2018 e contou com a presença de duas participantes, sendo que uma delas esteve no primeiro encontro. O terceiro encontro foi realizado no dia 08 de fevereiro de 2018 e contou com a presença das mesmas participantes do encontro anterior. O quarto encontro foi realizado no dia 15 de fevereiro, em que esteve presente uma das participantes dos dois encontros anteriores. O quinto encontro foi realizado em 22 de fevereiro de 2018 e teve a presença de outra participante dos encontros anteriores. O sexto encontro foi realizado em primeiro de março de 2018 e não teve a presença de nenhuma participante.

Após a ausência das participantes no quinto encontro e a baixa frequência nos encontros anteriores, optou-se por fazer uma pausa de um mês para reorganizar a dinâmica do grupo. Buscou-se ampliar o convite para mais pacientes do Serviço, ainda mantendo no horizonte a expectativa de estarem presentes mais mulheres e, quem sabe, atingir o número mínimo de seis participantes, situação que não se efetivou.

Na retomada dos encontros, o sétimo foi realizado no dia 5 de abril de 2018 e estiveram presentes duas, que não haviam participado antes. O oitavo encontro, realizado no dia 12 de abril de 2018, contou com a presença de uma das participantes do encontro anterior e uma nova participante. O nono encontro foi realizado no dia 19 de abril e foi cancelado também por falta de quórum. Assim, optou-se por suspender os encontros do grupo por tempo indeterminado para aprofundamento da análise de dados.

A partir da interrupção dos encontros, as mulheres convidadas anteriormente para participar do grupo começaram a demonstrar interesse em retornar e pediam para ser informadas quanto ao retorno dos encontros. Por esse motivo, um décimo encontro foi realizado no dia 29 de junho de 2018 no SPA e contou com a presença de duas participantes que já estiveram em encontros anteriores. Mesmo não atingindo o ideal de um grupo focal com o número mínimo de seis participantes, os percalços da experiência de campo revelam o próprio campo clínico em que a pesquisa estava situada. A relação transferencial da pesquisadora com o objeto de pesquisa e a contratransferência das participantes do estudo com a pesquisadora suscitaram as primeiras interpretações que deram base à construção dos dados de pesquisa.

Desde os primeiros encontros do grupo as incertezas foram sinalizando a

relação com o objeto de pesquisa. O processo de convidar as participantes, de ouvir delas a confirmação da presença e essa presença não se efetivar nos encontros do grupo, foi lançando a pesquisadora no lugar da ausência, o lugar da insegurança e do desamparo. A promessa de presença não estava sendo cumprida. Após o quinto encontro, quando não houve a presença de participantes, optou-se por fazer uma pausa nos encontros e convidar mais mulheres, ainda insistindo na formação de um grupo. Na retomada dos encontros do grupo, a mesma dinâmica permaneceu: muitas mulheres confirmavam e não compareciam, tendo a presença efetiva de duas participantes. A transferência da pesquisadora com o objeto interno foi o de ter o objeto permanentemente ausente.

Sujeito e objeto, cada um com o seu repertório psíquico, codeterminam o campo intersubjetivo que, por sua vez, determinará o modo de ser de cada um. Diferentes campos intersubjetivos tendem a fazer surgir aspectos distintos de cada um dos sujeitos envolvidos, embora haja traços de caráter que se repetem em qualquer contexto. Radicalizando: somos pessoas diferentes com interlocutores diferentes porque cada objeto solicita ativamente, a partir de seu próprio inconsciente, alguns dos modos de ser de nosso repertório psíquico, e não outros. E, dialeticamente, o sujeito participa na criação do objeto com o qual se relaciona (MINERBO, 2014, p. 33).

Tendo essa referência de Minerbo (2014) a elucidar o fenômeno transferencial inconsciente, encontrou-se no campo clínico um objeto interno que “solicitava ativamente” um repertório psíquico que remetia constantemente a ausência, a dificuldade de contentar, a um lugar que exigia muito trabalho e esforço para alcançar satisfação. Esse objeto interno, existente no repertório psíquico dos atores ativos da pesquisa, revelou-se por meio da formação do campo clínico, fruto do processo de lançar-se ao campo de pesquisa, porém não havia sido previsto e pode ser interpretado dessa forma pela escuta clínica.

A escuta clínica enquanto instrumento de pesquisa qualitativa não se configura como apenas o ato de ouvir, ela pode ser considerada uma valiosa ferramenta de investigação, que permite ao pesquisador formar o campo clínico de sua pesquisa, inclinando “sua postura de escuta, seu olhar e suas múltiplas e interligadas sensibilidades, que interage com seus conhecimentos teóricos da metodologia de investigação”, conforme descreve Turato (2013, p. 240).

A possibilidade interpretativa da “ausência” ocorreu na formação do campo clínico, que é antes de tudo o campo transferencial. Logo nas primeiras experiências de campo, quando o convite para participar da pesquisa foi sendo feito às pacientes atendidas no SPA, seja presencialmente ou por telefone, a pesquisadora já estava posta no lugar de quem escuta. Como as mulheres que falam percebem o lugar de quem escuta? A resposta para essa pergunta está em como a pesquisadora percebeu esse lugar de transferência das participantes para com ela a partir da contratransferência, ou seja, o que essa transferência mobilizou na pesquisadora. A relação contratransferencial da pesquisadora com o lugar em que foi posta, que

é o lugar quem escuta, foi percebido a partir de um impulso inconsciente de sair da sala onde ocorriam as reuniões do grupo. Uma pressa para se ausentar da reunião e deixar as mulheres falando entre elas.

A contratransferência da pesquisadora com as participantes era a do medo da ausência, de que elas não comparecessem ao grupo, de não dar conta de realizar a pesquisa e não corresponder ao ideal de pesquisadora. O elemento inconsciente “ausência” foi o que abriu o campo da interpretação do objeto interno que correspondia ao objeto ser mulher da pesquisa. O trajeto da pesquisa revelou ser tão intensa a presença da ausência que a pesquisadora se viu a indagar: o que aparece na ausência desse grupo de mulheres convidadas a falar do ser mulher? O que a pesquisadora encontra é a voz severa e censora do superego crítico e punitivo.

A relação de transferência e contratransferência estabelecida no campo desta pesquisa mobilizou conteúdos inconscientes que dizem respeito à condição milenarmente construída da mulher na cultura ocidental. A escuta clínica e a interpretação psicanalítica, pressupostos do método psicanalítico de pesquisa, permitiu lançar alguma luz sobre o superego na constituição subjetiva da mulher. Outro dado importante para a construção dos dados da pesquisa “Ser mulher: a clínica psicanalítica a favor da escuta e produção de sentido” é quanto ao perfil das mulheres participantes do estudo e da pesquisadora. Que mulheres são essas? As cinco mulheres que efetivamente estiveram presentes são mulheres que possuem em comum o grau de instrução. Todas possuem o curso superior completo ou em andamento, ocupam o mercado de trabalho e possuem um vínculo forte com a família. Incluindo a pesquisadora, são mulheres integrantes da classe média que gravitam em torno da instituição social família.

O objeto interno, nesse contexto, diz respeito às matrizes simbólicas de mulheres que compartilham do espaço subjetivo da casa, em que o homem pode ter sido internalizado como a figura de referência principal, a figura da exigência e da ausência. Ao reconhecer que o lugar subjetivo em que a pesquisadora foi colocada, seguimos nossos questionamentos para pensar a dinâmica inconsciente com esse objeto interno. No campo desta pesquisa, o que se configurou como uma descoberta foi um modo comum do repertório psíquico das mulheres. Ele foi evidenciado a partir das transferências, ou seja, um objeto interno que está permanentemente ausente e quando se faz presente parece ser uma ameaça, que podemos associar a uma figura tirânica e indiferente com a qual as mulheres precisam lutar.

A partir do fracasso, fracasso em relação ao ideal científico da formação de um grupo focal no campo da pesquisa com seres humanos, foi possível encontrar uma questão fundamental que pode estar mais atuante na vida das mulheres do que as proposituras construídas inicialmente. Com isso, novos encontros foram sendo produzidos na forma de leitura das obras e autores relevantes para o tema em questão, de escuta de fragmentos discursivos disponíveis na cultura e do próprio exercício da escuta clínica. Este foi sendo depurado e se tornado mais sensível

às questões relativas ao próprio objeto, com a escuta atenta das onze horas de gravação das falas das mulheres.

4 | CONCLUSÃO

Assumir a subjetividade como matriz de pensamento na produção de conhecimento acadêmico, essa perspectiva levará o sujeito que pesquisa a se deparar com o inusitado e o não programado. Ao eleger objetos de estudos que dizem respeito às questões afetivas dos seres humanos, todo planejamento e preparo teórico servirá para dar início aos movimentos elementares e necessários ao campo da pesquisa, porém, a escuta clínica será a clareira para a marcha do mostrar do objeto de investigação. Escutar clinicamente é estar em contato com fenômenos humanos, em que a subjetividade será expressa de maneira imprevisível e singular, requisitando daquele que escuta uma articulação constante entre seu repertório teórico-conceitual e os sentidos que se abrem ao ato da escuta informada, permitindo construir sentidos para os fenômenos em questão, tornando-os inteligíveis.

Quando um fenômeno se torna inteligível, por analogia, podemos afirmar que outros fenômenos, não iguais, uma vez que nenhum fenômeno é igual ao outro, mas semelhantes, também podem se tornar inteligíveis. Apreendido pela razão torna-se possível significar, nomear e diferenciar os fenômenos entre si, porque se tornou conhecido em suas mais distintas peculiaridades, que apenas a sensibilidade humana tem condições de captar.

No campo qualitativo das pesquisas científicas, os métodos tradicionais de construção de conhecimento limitam o contato com os dados e, conseqüentemente, os resultados que podem ser alcançados. Tendo no horizonte os percalços do campo de pesquisa e o quanto esses percalços podem ser reveladores, o método psicanalítico se encontra no bojo das disciplinas que se aventuram a tratar o não classificável e o invisível.

REFERÊNCIAS

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 3ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. **Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo**. J. psicanal., São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 out. 2018.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. **A interpretação psicanalítica: clínica e formações da cultura**. Em: Cuidado, saúde e cultura. Trabalhos psíquicos e criatividade na situação analisante. São Paulo: Escuta, 2014.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos** (1910). Volume XI. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. São Paulo: Imago.

2006.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos** (1901-1905) | Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. -11 ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro Editora. 2012.

GREEN, André. **Introducing clinical thinking**. In: Psychoanalysis. A paradigm for clinical thinking. London: Free Association Books, 2005.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KAËS, René. 2003. **O intermediário na abordagem psicanalítica da cultura**. Psicologia USP, 2003, 14(3), 15-33. Recuperado em 9 de janeiro de 2017, de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n3/v14n3a03.pdf>.

MEZAN, Renato. Que significa “pesquisa” em psicanálise? Em: Silva, M. E. L. (coord.) **Investigação e Psicanálise**. Campinas: Papirus, 1993.

MINERBO, Marion. **Transferência e contratransferência** – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

_____. **Ser e sofrer, hoje**. Ide, 35(55), 31-42. 2013. Recuperado em 15 de janeiro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100004&lng=pt&tlng=pt.

_____. **Neurose e Não-Neurose**. 2ª ed. São Paulo, Ed. Casa do psicólogo, 2014.

TEIXEIRA, Antônio M. R. **Singularidade subjetiva e metodologia clínica**. CliniCAPS, 2011, Vol 5, nº 13.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 6 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes. 2013.

ZYGOURIS, Radmila. **Psicanálise e psicoterapia**. São Paulo: Via Lettera, 2011.

SOBRE OS ORGANIZADORES

KEYLA CHRISTINA ALMEIDA PORTELA - Secretária Executiva formada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Licenciada em Língua Inglesa e Espanhola pelo Centro Universitário de Varzea Grande – UNIVAG. Especialista em Linguística Aplicada pela Unioeste, Especialista em Gestão de Processos e qualidade pela Uninter, Especialista em Recursos Humanos pela Uninter, Especialista em Gestão de projetos pela Uninter, Especialista em Gestão e Docência em Ead pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialista em Didática do Ensino Superior pela Unipan, Especialista em Formação de professores pela UTFPR. Especialista em MBS – Master Business Secretaries pela Uninter. Mestre em Educação pela Universidade de Lisboa e Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCSP). Desenvolve trabalhos nas áreas de educação, ensino e gestão. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: keylaportela@bol.com.br

ALEXANDRE JOSÉ SCHUMACHER – Secretário Executivo formado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Bacharel em Administração de Empresas com Habilitação Administração Hospitalar; Tecnólogo em Comércio Exterior; Doutor com menção internacional em Economia e Direção de Empresas; Tese resultante do processo de doutoramento foi premiado internacionalmente no prêmio “Adalberto Viesca Sada” pela Universidade de Monterrey no México no ano de 2015; possui Mestrado em Administração de Empresas; Especializações Lato Sensu em: Comércio Exterior para Empresas de Pequeno Porte; Docência no Ensino Superior; Administração e Marketing; MBA em Planejamento e Gestão Estratégica; MBA em Administração e Gerência de Cidades; Gestão Escolar; Administração em Agronegócios.. Já atuou como consultor em grupos empresariais em setores específicos; realiza palestras em conferências em temas específicos relacionados a sua área de formação e de desenvolvimento de pesquisas. É Pesquisador de temáticas relacionadas com as empresas familiares e suas dinâmicas. É Practitioner em PNL e Hipnose Moderna. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: alexandre.jose.schumacher@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agentes Comunitários de Saúde 98, 101, 106, 107

Agrotóxicos 2, 3

Aprender pela Experiência 174

Atenção Primária à Saúde 35, 36, 39, 40, 43, 44

B

Business Intelligence 109, 110, 114, 115

C

Cidadania Planetária 99, 107, 108

Contextos socioculturais 185

D

Desempenho Acadêmico 109

E

Educação 2, 5, 9, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 23, 26, 33, 34, 35, 41, 53, 56, 61, 66, 70, 74, 76, 77, 78, 80, 87, 98, 99, 107, 108, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139, 146, 147, 148, 159, 164, 169, 170, 171, 175, 176, 183, 197, 198, 201, 202, 207, 211, 213, 214, 216, 217, 218, 221, 225, 226, 228, 230, 231, 232, 234, 236, 242, 243, 245, 253, 254, 263, 265, 268, 274, 275, 276, 286, 295, 297, 298, 301, 302, 305, 306, 307, 313, 323, 324, 325, 327, 329, 332, 333, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 343, 344, 345, 347, 348, 349, 350, 351, 353, 354, 355, 356, 360, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 368

Educação de Jovens e Adultos 3, 74, 197, 198, 201, 216

Educação em Saúde 35

Educação Feminina 23, 34

Educação Matemática Inclusiva 78

Empreendedorismo 202

Enfermagem 35, 43, 44, 254

Escola técnica 202

Estado do Conhecimento 66

Estágio Supervisionado 197, 198, 201

F

Formação de Professores 66, 76, 229, 274, 287, 288, 321, 351

G

Gestão da Informação 109, 111, 112

I

Identidade Docente 66

L

Livros paradidáticos 135, 148

M

Metodologias ativas de aprendizagem 7, 45

Método Psicanalítico de Pesquisa 185

O

Observatório da Educação 78, 80

P

Pensamento Complexo 99, 101

Planejamento 35, 133, 171, 295, 320, 326, 368

Política Educacional 125, 229

Práticas agroecológicas 2

Práticas Docentes 218

Processos clínicos 185

Professor universitário 160

Promoção à Saúde 35

R

Relações familiares 245

S

Sistemas de Informação 109, 113

Subjetividade 224, 229, 245

Sujeitos 245

T

Técnicos em Assuntos Educacionais 125, 126, 127, 129, 130, 134

Tecnologia da Informação 109, 113

Transferência-construtiva 185

Transgeracionalidade 174, 184

Transmissão Psíquica 174

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-555-6

